

Expressões e linguagem do machismo e a influência dos modelos midiáticos de massas.

Cristiane Araujo de Mattos

Nádia Soares Bezerra

Pela estrada a fora, eu vou bem sozinha
Levar esses doces para a vovozinha
Ela mora longe, o caminho é deserto,
E o lobo mau passeia aqui por perto,
Mas, à tardinha, ao sol poente,
Junto a vovozinha dormirei contente.

Composta por Braguinha¹ na década de 1940, a música *Pela Estrada* e suas sequências, *Lobo Mau* e *Marcha dos Caçadores*, representam uma das muitas versões escritas, teatralizadas e musicadas da estória de Chapeuzinho Vermelho. Na versão do compositor brasileiro, o lobo pega “criancinhas pra fazer mingau” e a figura do caçador é pluralizada, cantada em coro, por *caçadores* que, além de lobos, caçam “onças pintadas, pacas, tatus e cotias” (BRAGA e SCATAMACCHIA, 2006).

Não muito diferente da compilação inicial de Perrault (publicada na França, em 1697) e da releitura interpretativa dos irmãos Grimm (publicada na Alemanha, em 1812), a adaptação musicada e difundida no Brasil, destaca a oralidade e ficcionalidade típicas dos contos de fada (HILLESHEIM e GUARESCHI, 2010) exibindo uma criança – uma menina, especificamente – que, por estar desacompanhada (“bem sozinha”), representa “um bom petisco para encher” a “pança” do lobo. Chapeuzinho tem medo do lobo porque sabe que, encontrando-se com ele, dificilmente escapará da sina de transformar-se em comida, mas arrisca-se pelo “caminho” ainda que “deserto”, em prol da possibilidade de “dormir contente” “junto à vovozinha” ao findar o dia. Por outro lado, ainda que guarde resquícios do medo que se pretendia impor pela figura do lobo nas duas principais versões-base, Braguinha opta por filiar-se à versão dos Grimm e salvar Chapeuzinho e a avó que, na versão de Perrault, acabavam literalmente devoradas pelo lobo.

¹ Carlos Alberto Ferreira Braga, também conhecido como Braguinha e João de Barro, é um dos maiores compositores brasileiros, destacando-se em versões para o cinema e marchinhas de carnaval. Foi diretor artístico das gravadoras Colúmbia e Continental. Participou das dublagens brasileiras de "Branca de Neve e os Sete Anões"(1938), "Pinóquio" (1940), "Dumbo" (1941) e "Bambi" (1942), entre outros. (MALTA, 2012). O banco de dados EcadNet retorna 352 obras musicais em seu nome, incluindo autorias e co-autorias. (ECADNET, 2014)

Antes de fazer os discos, meu pai contava as histórias para mim, para ver como seria a reação de uma criança. Tanto que ele mudou o fim de Chapeuzinho Vermelho, com aquela solução de tirar a avó viva de dentro do lobo. No conto original, pouca gente sabe, a história termina com as mortes da avó e da Chapeuzinho. A mesma coisa com o João Ratoão, da Dona Baratinha: ele só sai vivo da panela de feijão na história contada pelo papai” [Maria Cecília] (MALTA, 2012:50)

Inequivocadamente direcionada ao público infantil, a reedição do conto, com ilustrações de Cláudia Scatamacchia, foi selecionada pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola, para a categoria 1 (0 a 3 anos), conforme delimitações constantes do Decreto 7.084, de 27 de janeiro de 2010 (FNDE, 2012).

Na versão brasileira, certamente por força dos cuidados com a infância que passaram a fazer parte da agenda política do país no início do século XX², não há referências à sexualidade. Em Perrault, as meninas são “mocinhas”, “senhoritas”, e o lobo representa uma figura masculina que ameaça a concretização dos regramentos morais que se pretendia impor às jovens ao findar o século XVII. Não há uma delimitação muito clara de infância, ou mesmo a atribuição de pureza e inocência a esta fase, como se veria, de forma mais intensificada, nos séculos XVIII e XIX (ARIES, 1981). Neste segundo momento, em que há uma maior definição entre temáticas que devem ser direcionadas à crianças e aquelas que devem se ater ao universo dos adultos, surgem os contos dos irmãos Grimm, com menos indicações quanto à moral sexual e maior apelo às consequências resultantes da indisciplina. “Deste modo, se a desobediência, a maldade, a mentira e todos os *vícios* são castigados, a bondade, a obediência, enfim, as *virtudes* são recompensadas, podendo-se então *viver feliz para sempre*.” (HILLESHEIM e GUARESCHI, 2010:114).

Desde cedo incorporados ao universo infantil, os contos de fadas exibem o claro propósito pedagógico de atribuir concepções morais que buscam preservar a inocência da criança, ao mesmo tempo em que lhe oferece uma possibilidade de (re)pensar suas atitudes diante dos adultos, quer conhecidos e aceitos hierarquicamente – como a mãe que aconselha – quer desconhecidos e, portanto, indignos de confiança – como o lobo mau. Neste sentido, é possível afirmar que,

enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e

² “Organizando-se em cinco seções temáticas, o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, realizado no Rio de Janeiro, em 1922, buscou capitanear as discussões do ponto de vista social, médico, pedagógico e higiênico em suas relações com a família, o Estado e a Sociedade” (...) “Com ênfase nas propostas de intervenção dos homens de ciência na ação dos homens de governo, buscaram lançar as proposições fundantes de uma cruzada em prol da higienização, moralização e educação da infância pobre.” (CAMARA, 2006)

enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIM, 2002:12).

Dentro do contexto temporal, os contos de fadas desempenham importante papel social ao indicar para a criança, dentro do seu nível de percepção, quais são os prazeres aconselhados e quais são restritos, a quais comportamentos é possível filiar-se, sem risco, e quais representam perigo, dentro das concepções daqueles adultos – transmissores das mensagens – que as crianças possam identificar como confiáveis. Assim, existe um diálogo traçado entre aquele que conta a estória e a criança que a ouve e a reproduz, sempre a partir de suas próprias experiências, podendo haver um reforço das concepções de mundo que esta já detém ou mesmo uma completa readequação daqueles conceitos outrora formados (COELHO, 1982).

A cada releitura, a criança adapta novas possibilidades à sua prática cotidiana, ampliando ou restringindo conceitos do que é ou não proibido neste *comércio místico* de causas e consequências. Questões relativas a relações de poder e mesmo à sexualidade não estão excluídas de tais releituras. Elas dependem da contextualização provocada conforme tempo, espaço e proximidade entre narrador e ouvinte que permita, ao segundo, entender o primeiro como modelo (ou indicador de modelos) a ser(em) seguido(s). Borges-Andrade (1981) em revisão de estudos experimentais a respeito de aprendizagem por observação, afirma que

quando a aprendizagem imitativa ocorre, a maioria dos autores entende que o novo comportamento não necessita de reforçamento extrínseco nem de respostas manifestas durante a aquisição. A exposição ou explicação do comportamento pelo modelo é considerada como condição suficiente para a aprendizagem imitativa (p.4)

Pensando em contextualização temporal, especificamente, a exposição da criança a modelos não pode ser discutida sem se considerar a influência dos meios de comunicação, especialmente a TV e, mais recentemente, a internet.

A televisão apresenta-se, para as crianças, como importante fonte de lazer. Para as camadas socialmente menos favorecidas, ela desempenha importante papel de entretenimento, servindo-lhes de companhia – algumas vezes única – enquanto os pais ou responsáveis trabalham por seu sustento, dentro ou fora do lar. Ainda que existam mecanismos legais de restrição, especialmente relativos a tipos de programação/conteúdo conforme faixas de horários, é consenso que a TV é um veículo de grande poder na (re)produção de conceitos e valores que, em repetição, fomentam uma modelação do que se espera do telespectador (COLVARA, 2007).

Fischer (2002:154) parte da concepção de que a TV tem uma participação decisiva na formação das pessoas já que veicula informações capazes de produzir significações e sentidos “os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida”. O que comer, vestir, falar, ouvir ou ler são constantemente apresentados em forma de *tendências*. É muito comum a vinculação de certas práticas a determinados artistas, especialmente se estes estiverem – àquele tempo – desfrutando de grande projeção na mídia.

Não se está afirmando que a TV inaugurou este tipo de prática, pelo contrário. Ao lado dela e de outros meios, é possível citar os jornais e as revistas que, por décadas, vêm mantendo seus leitores e leitoras informados quanto ao que se espera como comportamento em relação a diferentes situações (MATTOS, 2008:44,81).

Os cortes de cabelo e maquiagem da nova protagonista da novela, as roupas utilizadas pela cantora revelação, os cordões gigantes dos MCs ou as coreografias que os jogadores de futebol reproduzem em suas comemorações são frequentemente associadas a conceitos de beleza, bom gosto ou estilo, transformando-se em *tendência* e sendo incorporados ao dia-a-dia das pessoas comuns de forma naturalizada.

Quando uma determinada personalidade é recorrente em apresentar tendências, passa a modelo, tendo seus gostos e falas reproduzidos e replicados cotidianamente, a ponto de servir de parâmetro em situações em que sua influência pareceria impossível. O juiz Alex Gonzalez Custodio, titular da 1ª Vara Criminal do Foro Regional de Tristeza, na Zona Sul de Porto Alegre, utilizou-se de um trecho de entrevista da atriz Paolla Oliveira, concedido à revista Marie Claire, como parte do fundamento da condenação de um jovem por tráfico de drogas. A atriz, de forma leiga, manifestava-se sobre a ocupação policial do Morro do Alemão, no Rio de Janeiro, delimitando a quem concebia direcionar-se a proteção do que se entende por Direitos Humanos (LUIZ e LOPES, 2013).

Ao tratar de mídia e produção de sujeitos a partir dos conceitos foucaultianos de *sujeito*, *subjetividade*, *subjetivação*, *discurso*, *relações de poder* e *sexualidade*, Fischer descreve o dispositivo pedagógico da mídia como um aparato discursivo e ao mesmo tempo não discursivo cujas “práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem”. A adequação para *ser e estar na cultura* reflete o que a autora denomina de “simultâneo reforço de controles e igualmente de resistências, em acordo com determinadas estratégias de poder e saber”

característicos da “publicização da vida privada e da pedagogização midiática”(p.5). Reconhecendo-se nas palavras daqueles sujeitos que, de tão vistos (nas telas da TV ou do cinema, em capas de revistas, nos jornais e nas músicas) parecem-lhes quase íntimos, o indivíduo é levado a uma auto-avaliação do seu pensar sobre o tema podendo negar-lhes apoio ou tomá-los como fundamento.

Se, ao justificar seu posicionamento quanto a privação de liberdade de alguém, um juiz de direito entende como aplicável fazê-lo tomando-se por base a fala de uma personalidade da TV ao invés de respeitáveis estudiosos sobre tema, curioso se faz imaginar as motivações que não levariam uma criança ao mesmo, dentro, claro, das suas condições perceptivas de mundo. Retoma-se, aqui, a importância da estória da Chapeuzinho Vermelho, conforme musicada por Braguinha, desta feita, a partir da versão ampliada e interpretada, no carnaval de 2010, por Ivete Sangalo.

Referenciada como a cantora mais poderosa do Brasil, a baiana Ivete é personagem de grande influência entre os brasileiros. Conforme seu próprio site, o ivetesangalo.com,

a carreira estável, personalidade marcante e a capacidade de se comunicar com os mais diversos e diferentes públicos com a mesma naturalidade, colocaram a cantora em as cinco personalidades mais confiáveis pelo povo brasileiro, de acordo com uma pesquisa realizada pelo jornal Folha de São Paulo em 2010. Ivete passeia por diversos gêneros artísticos. Esteve no comando de dois programas de televisão, Planeta Xuxa (em 1998) e Estação Globo (2005-2008). Além de ser jurada este ano do programa SuperStar. Como atriz tem no currículo a participação em quatro filmes (entre eles Crô, recém lançado nos cinemas), uma novela (Gabriela) e participações em seriados (Brasileiras e Brava Gente). E realizou a dublagem de uma das personagens do filme Aviões, da Disney (2013).

Além das apresentações no país, especialmente durante as festividades de carnaval, a cantora já se apresentou por diversos outros países, chegando a gravar um “DVD internacional, que teve como palco um dos templos mundiais de eventos, o Madison Square Garden, em Nova Iorque, Estados Unidos.

Em maio de 2013, o ministro da Justiça, Eduardo Cardozo, e o chefe do UNODC (Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime), Yury Fedotov, assinaram o termo nomeando Ivete como embaixadora da Boa Vontade no combate ao tráfico humano durante o lançamento da Campanha Coração Azul. Ao justificar sua escolha, o representante da ONU, disse que “*sua música transcende as fronteiras brasileiras. Ela já recebeu 14 nomeações e ganhou um Grammy Latino durante sua impressionante carreira. Aguardamos com grande expectativa que ela empreste seus*

talentos notáveis à luta contra o tráfico de pessoas” (PORTAL PLANALTO, 2013; CARAS ONLINE, 2013)

Antes disso, em 2010, Ivete Sangalo virou boneca. O brinquedo, produzido pela Baby Brink, é ornamentado por uma das vestimentas utilizadas pela cantora durante as gravações do DVD no Maracanã, o maior sucesso comercial de sua carreira solo (PRADO, 2010). Neste mesmo ano, Ivete elevou a pouco conhecida música “Lobo Mau”, cantada pelo grupo *O Bäck*, à condição de *hit* do carnaval de Salvador, enfrentando críticas pelo conteúdo sexualmente tendencioso da canção.

Na versão apresentada no Festival de Verão Salvador 2010, transmitido pela Rede Globo, a cantora não faz referência a si, ao apresentar-se como lobo. Os dotes físicos da figura da menina são destacados: “Bom, se você, *essa coisa linda*, é Chapeuzinho Vermelho, então... ‘eu sou o lobo mau, au, au’” (YOUTUBE, 2010).

Em vídeo publicado durante o carnaval de 2011, a partir de uma teatralização simples, do alto de seu trio elétrico, a baiana introduz a música no papel de Chapeuzinho: “Estou perdida na floresta... Estou perdida na *folésta*...”. A repetição da frase, em tom infantilizado, se faz uma terceira vez, agora com um acompanhamento musical introdutório típico dos contos de fadas musicados. “Meu Deus, a mamãe falou: ‘vá pelo caminho do rio’. Eu teimosa, pensei: ‘vai que no caminho da floresta eu encontro um lobo super gato?’” Segue-se uma pausa, a introdução musical recomeça. Dezesesseis segundos depois da última frase, o que seria suficiente para uma criança ficar ansiosa, Ivete começa a cantar a música de Braguinha, em ritmo e tom próximos ao que se costuma encontrar nos LPs e CDs infantis, enquanto caminha pé-ante-pé, por uma rampa que desce na lateral do trio. O público fica eufórico a ponto de a artista solicitar que não se empurrem antes de continuar com seu roteiro de introdução à fala do lobo: “Eles são o lobo mau, mas aqui quem morde sou eu!”. O diálogo prossegue, agora, como parte da própria música:

Ivete: Mas, quem é você?

Chapeuzinho: eu?

Ivete: Quem é você?

Chapeuzinho: Chapeuzinho Vermelho

Ivete: Bom, se você é chapeuzinho vermelho, meu bem, eu, com esse corpinho todo apertadinho, só posso ser... quem?

Eu sou o lobo mau, au, au

Chapeuzinho: E o que você vai fazer?

Vou te comer, vou te comer, vou te comer,
Vou te comer, vou te comer, vou te comer,
Vou te comer, vou te comer, vou te comer,
Vou te comer, vou te comer, vou te comer,

Chapeuzinho pra onde você vai, diz aí menina que eu vou atrás
Chapeuzinho pra onde você vai, diz aí menina que eu vou atrás
Chapeuzinho pra onde você vai, diz aí menina que eu vou atrás
Chapeuzinho pra onde você vai, diz aí menina que eu vou atrás

Chapeuzinho: Pra que você quer saber?

Enquanto repete o refrão que a identifica com o lobo, Ivete gesticula como se estivesse ajustando genitais masculinos na própria roupa e chega a fazer referência verbal expressa ao órgão. O “vou te comer” que se segue não deixa dúvidas: Chapeuzinho, uma menina “teimosa” que segue pela “folésta” correndo o risco de encontrar “um lobo super gato”, é a “merenda boa, bem gostosinha”, apta a saciar a lascívia dele (YOUTUBE, 2011).

A música foi, imediatamente, associada a pedofilia. Segundo o portal Terra.com, outra artista baiana, Carla Perez, responsável pelo comando do bloco infantil Algodão Doce, recusou-se a cantá-la mesmo diante do pedido insistente das crianças que a acompanhavam na folia: "Eu trabalho com crianças, sou mãe, tenho filhos. Quero cantar o que vocês pedem, mas tem muito lobo mau por aí que é mau mesmo." O também cantor Tatau, ex-vocalista do grupo AraKetu, também teria se recusado a interpretar a música sob clara justificativa.

Estou em uma campanha do Ministério Público contra a pedofilia. Me perdoem, mas não vou cantar essa música pois ela estimula a pedofilia. Essa música é uma vergonha. Sei que foi minha amiga Ivete Sangalo que começou a divulgar isso, ficou engraçada na voz dela, mas eu não vou cantar. Canto todas, menos essa. (UOL ENTRETENIMENTO, 2010)

Ivete defendeu a música, comparando-a a canção Lobo Bobo, de João Gilberto. Comparar as duas versões seria recorte para um outro trabalho já que na versão citada em defesa, Chapeuzinho é uma jovem que termina por trazer o lobo na coleira (provavelmente pelo casamento) e os ataques do lobo não guardam conotação sexual tão direta. De qualquer forma, como parte da leitura de Braguinha como introdutória à sua versão de lobo, importa salientar que, ao contrário daquele personagem que “faz mingau”, o lobo da cantora Ivete é *interessante* o suficiente para ser *procurado* (ao invés de evitado) pela menina e goza de uma sexualidade tão expressa quanto se possa pressupor que seja permitida aos *lobos* carnavalescos da contemporaneidade, ainda que nos apeguemos – com as devidas ressalvas – ao conceito de carnavalização em Bakhtin (1999).

Cumprido reforçar, entretanto, que nestes tempos de TV e internet, o momento propício ao carnaval – e, portanto, propício a *exageros* – amplia-se para além dos dias destinados à folia. O áudio e as imagens eternizam-se nas redes de informações. Uma criança que procure pela estória da Chapeuzinho Vermelho nos sistemas online de busca verá, como principais retornos, as versões da cantora baiana, quanto maior for sua popularidade.

Partindo da interpretação walloniana, Pedrosa (1994:2) afirma que a “criança observa ativamente os outros que a atraem, há uma tendência de se unir a eles numa espécie de participação efetiva”. Vista como modelo ao qual filiar-se por imitação, ainda que travestida de lobo, Ivete não assusta, retirando da figura do lobo a maldade (ou noção de consequências) que a ele cumpre, dentro do universo das estórias infantis. Além disso, há uma clara confusão entre criança (a inocência) e lobo (o mau), ambos interpretados, sequencialmente, pela cantora.

Não se pretende dizer que a cantora encarna em si toda a responsabilidade pela erotização precoce pois esta, como se sabe, conjuga uma série de fatores³. No que diz respeito às meninas, especificamente, a erotização vem acompanhada da submissão pois “o lobo mau ainda come a Chapeuzinho” mesmo que esta pareça, nesta e em algumas outras releituras do conto, decidir que quer *ser comida*, de uma ou outra forma, refletindo o machismo. (SILVA, 2008).

Quanto a *erotização* da versão brasileira do conto, impossível não citar o conceito de *pedofilização*, conforme descrito por Felipe (2006). Para a autora, a definição visa

pontuar as contradições existentes na sociedade atual, que busca criar leis e sistemas de proteção à infância e adolescência contra a violência/abuso sexual, mas ao mesmo tempo legitima determinadas práticas sociais contemporâneas seja através da mídia – publicidade, novelas, programas humorísticos –, seja por intermédio de músicas, filmes, etc., onde os corpos infanto-juvenis são acionados de forma extremamente sedutora. São corpos desejáveis que misturam em suas expressões gestos, roupas e falas, modos de ser e de se comportar bastante erotizados (p.216)

Estabelecendo-se um diálogo performático entre a criança que imita e o adulto que lhe serve de modelo, nada impede que a reconfiguração das personagens, no imaginário da criança, ensine a ela uma nova lição. Importa saber, então, que papel aqueles que são direta ou indiretamente responsáveis por sua formação entendem desempenhar neste processo e, reforçando o questionamento de Felipe, de que modo as meninas [e os meninos] são interpeladas[os] por discursos que determinam o que é ser mulher na nossa cultura?

³ Sobre o tema ver VALLONE, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, C.A.F.; SCATAMACCHIA, C. **Chapeuzinho Vermelho**. Coleção Clássicos Infantis. São Paulo: Moderna, 2006.

MALTA, P.P. **Pequenos notáveis**: João de Barro (Braguinha). Rio de Janeiro: Multirio, 2012. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/ebooks/Pequenos%20Notaveis%201/pequenos_notaveis.pdf> Acesso em: 16 out. 2014.

ECADNET - Escritório Central de Arrecadação e Distribuição. Autor: **Carlos Alberto Ferreira Braga** (Braguinha - 00004019732). Disponível em: <[http://www.ecadnet.org.br/Paginas/ConsultarRepertorio.aspx?m=3&cdt=3353&nomTit=CARLOS%20ALBERTO%20FERREIRA%20BRAGA%20\(BRAGUINHA%20-%2000004019732\)](http://www.ecadnet.org.br/Paginas/ConsultarRepertorio.aspx?m=3&cdt=3353&nomTit=CARLOS%20ALBERTO%20FERREIRA%20BRAGA%20(BRAGUINHA%20-%2000004019732))> Acesso em: 15 out. 2014.

HILLESHEIM, B.; GUARESCHI, N.M.F. **Contos de fadas e infância(s)**. Educação & Realidade, 31(1): 107-126, jan/jun 2006.

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. PNBE 2010 – Títulos, valores e tiragem. Atualizado: 26 Março 2012, PDF - 75.68 kB. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/arquivos/category/108-dados-estatisticos>> Acesso em: 15 out. 2014.

CAMARA, S. **Sementeira do amanhã**: o primeiro congresso brasileiro de proteção à infância e sua perspectiva educativa e regenerada da criança. Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia, 17 a 20 de abril de 2006. p.757-769.

ARIES, P. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil. Teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2002.

BORGES-ANDRADE, J.E. Aprendizagem por observação: perspectivas teóricas e contribuições para o planejamento instrucional - uma revisão. Psicologia: ciência e profissão. v.1 n.2 Brasília: jul. 1981.

COLVARA, L.F. **A TV e os vários olhares da criança**. Orientadora: Nelyse Aparecida Melro Salzedas. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Bauru, 2007.

FISCHER, R.M.B. **O dispositivo pedagógico da mídia**: modos de educar na (e pela) TV. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

MATTOS, C.A. **Dependência econômica e inadimplência: alternativas femininas para a sobrevivência após o divórcio**. Dissertação (mestrado). Orientadora: Maria Beatriz Nader.

Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em História, Vitória, 2007.

LUIZ, M.; LOPES, T. **Juiz de Porto Alegre cita atriz em sentença e causa polêmica na web.** 30/08/2013 20h17 - Atualizado em 30/08/2013 20h22. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/08/juiz-de-porto-alegre-cita-atriz-em-sentenca-e-causa-polemica-na-web.html>> Acesso em: 16 out. 2014.

IVETESANGALO.COM. **Biografia.** Disponível em: <<http://www.ivetesangalo.com/biografia/>> Acesso em: 22 out. 2014.

PORTAL PLANALTO. **Ivete Sangalo é nomeada embaixadora da Campanha Coração Azul contra o tráfico de pessoas.** Publicado: 09/05/2013 15h57. Última modificação: 09/05/2013 16h01. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/excluir-historico-nao-sera-migrado/ivete-sangalo-e-nomeada-embaixadora-da-campanha-coracao-azul-contr-o-traffic-o-de-pessoas>> Acesso em: 12 out. 2014.

CARAS ONLINE. **Ivete Sangalo é nomeada embaixadora da ONU contra o tráfico de pessoas.** Notícia publicada Qui, 9 Mai 2013 as 16:10. Disponível em: <http://caras.uol.com.br/nacionais/ivete-sangalo-embaixadora-onu-contr-o-traffic-o-de-pessoas-campanha-coracao-azul#.VKaeNLF_eB> Acesso em: 12 out. 2014.

PRADO, M.A. **Boneca da cantora Ivete Sangalo chega às lojas.** Famosos e TV - R7, publicado em 19/08/2010 às 16h40. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/noticias/boneca-da-cantora-ivete-sangalo-chega-as-loja-s-20100819.html>> Acesso em: 16 out. 2014.

YOUTUBE. **Ivete Sangalo -- Lobo Mau -- Festival de Verão Salvador 2010.** Publicado por **liju55**. Enviado em 24 de jan de 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-mnBg7wIzDA>> Acesso em: 01 out. 2014.

YOUTUBE. **Lobo Mau, por Ivete Sangalo Carnaval 2011.** Publicado por **Bruno Azevedo**. Enviado em 8 de mar de 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=8A9wxvBph-c>> Acesso em: 01 out. 2014.

TERRA.COM. **Carla Perez se recusa a cantar 'Lobo Mau' em Salvador.** 13 de fevereiro de 2010 • 14h14 • atualizado às 19h42.

UOL ENTRETENIMENTO. **Ex-vocalista do Ara Ketu, Tatau se recusa a cantar sucesso baiano "Lobo Mau".** 12/02/2010 - 18h28. Disponível em: <<http://carnaval.uol.com.br/ultimas-noticias/salvador/2010/02/12/ex-vocalista-do-ara-ketu-se-recusa-a-cantar-lobo-mau-por-estimular-pedofilia.jhtm>> Acesso em: 02 out. 2014.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec UnB, 1999.

PEDROSA, M.I. **A imitação como um processo de construção de significados compartilhados.** Temas em Psicologia, vol.2 n.2. Ribeirão Preto, ago. 1994.



ANAIS DO ENCONTRO NACIONAL DO GT- GÊNERO/ANPUH

Encontro Nacional
do Grupo de Trabalho
Gênero/ANPUH

19 e 20 de novembro em Vitória
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

VALLONE, M. **Criança e Consumo**. Entrevistas. Erotização Precoce e Exploração Sexual Infantil. Jornalista Responsável: Myrian Vallone - Mtb 18.229. Instituto Alana, São Paulo, 2009.

SILVA, E.M. **Curta a “tradição”**: e o lobo mau ainda come a Chapeuzinho. XI Congresso Internacional da ABRALIC, Tessituras, Interações, Convergências, USP – São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008.

FELIPE, J. **Afinal, quem é mesmo pedófilo?** cadernos Pagu (26), janeiro-junho de 2006, p.201-223.